

MEMÓRIAS DE UM QUASE-LATINISTA

Marcelo MÓDOLO*

Fui aluno do Professor Ariovaldo Augusto Peterlini há 33 anos, nos cursos de Introdução à Língua Latina I e II na Universidade de São Paulo. Garoto vindo do interior, pouco afeito à cidade grande e muito menos a uma universidade do tamanho da USP, a adaptação à cidade e ao curso de Letras de início foi um tanto penosa.

Além desse estranhamento inicial da grandeza do mundo — diferente da minha Cerquilha, cidade natal —, havia também a insegurança sobre o retorno financeiro que o curso de Letras poderia trazer-me. A ideia inicial era aproveitar a estrutura da USP e estudar para um novo vestibular, para a carreira de Ciências Econômicas. Com as aulas de língua latina do Professor Ariovaldo Peterlini, entretanto, mudei rapidamente minha percepção sobre o que realmente eu queria ser, que profissão eu queria seguir.

De início pensava em trabalhar com tradução literária, muito influenciado por uma entrevista que havia lido no *Diário de Sorocaba* com o romancista e tradutor Otávio Mendes Cajado. Ficava imaginando o quanto saber inglês, francês e outras línguas poderia levar-me a conhecer outras culturas, outros mundos, outras maneiras de traduzir a realidade. Acho que, mesmo sem a conhecer, já era apaixonado pela Hipótese Sapir-Whorf.

Em pouco tempo, no entanto, o Professor Peterlini me fez também esquecer o meu projeto tradutório e voltar-me inteiramente para o estudo das línguas clássicas e para a história da língua portuguesa. Igualmente o meu projeto de fazer um novo vestibular “foi por água abaixo”. Ainda bem! Eu seria um péssimo economista.

Excelente latinista, exímio conhecedor do português e muito carismático, suas aulas não tratavam somente das declinações e dos casos latinos, mas orientavam-nos quanto a leitura de textos clássicos, material básico que deveríamos comprar para nossa biblioteca pessoal, dicas de como atuar em sala de aula, necessidade de aprender outras línguas, como o alemão. Devo ao Professor Peterlini a compra de alguns livros que, até hoje, compulso com muito carinho: os dicionários de regência verbal e de regência nominal de Francisco Fernandes; dicionários clássicos da língua portuguesa como o de Moraes, o de Domingos Vieira, o de Cândido de Figueiredo e o de Caldas Aulete; obras do escritor e crítico literário francês Antoine Albalat sobre a arte de escrever e sobre estilo (todas traduzidas em português pelo lexicógrafo Cândido de Figueiredo), o livro *Tradições clássicas da língua portuguesa*, de Pedro Adrião, entre muitos outros. Ele falava com tanta empolgação desses clássicos que era impossível não querer conhecê-los também; tinha o que poderíamos chamar de elã que todo professor deveria ter com os alunos.

Tudo nele era clássico, até sua postura perante o mundo. Suas pastas Poliondas sempre impecáveis, seu par de canetas Pilot (azul e vermelha)

* Departamento Letras Clássicas e Vernáculas / USP. E-mail: modolo@usp.br.

ponta fina no bolso da camisa, sempre dizia que eram as melhores, não borravam. Nós, alunos, brincávamos que até seu rosto emulava o famoso busto de Cícero que está em um dos Musei Capitolini, de Roma.

Deixou-nos poucas obras; entusiasta do magistério, sua vida era ensinar. Os tempos eram outros, muito se craniava para produzir algum material a publicar, diferentemente dos atuais do *publish or perish*, imposto pelas grandes agências de fomento, engolidas pela cobrança em apresentar resultados. Como bem escreve Byung-Chul Han em seu pequeno clássico *Sociedade do cansaço*, na atualidade as pessoas se cobram cada vez mais para apresentar resultados, tornando-se elas mesmas vigilantes e carrascos de suas ações. Não eram esses os tempos do Professor Peterlini; grandes intelectuais se formavam com a parcimônia exigida para tal instrução.

Em 1991, convidei-o para palestrar em disciplina oferecida no curso de licenciatura em Letras, ministrada pela Professora Maria José Beraldi Andersen na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Queríamos o depoimento de um professor que tivesse atuado em escolas públicas de primeiro e segundo graus, que nos falasse sobre suas experiências, suas dificuldades, sua motivação para o trabalho. O Professor relutou um tanto no início em aceitar meu convite, pois a sua experiência com alunos do primeiro e do segundo graus já era distante no tempo, mas acabou aceitando. O entusiasmo era tanto em falar sobre suas incursões no teatro — com montagens de peças do escritor português Júlio Dinis que realizou com os alunos do primeiro e do segundo graus —, conselhos aos alunos que se iniciavam na docência, que me lembro, até hoje, do impacto que sua fala causou em nós, alunos daquela disciplina. No final, a própria Professora Maria José foi abraçá-lo, literalmente aos prantos, dizendo que nunca tinha visto alguém tão entusiasta com o magistério como ele. Era o último curso que a Professora Maria José daria na graduação, e eu, segundo as palavras dessa Professora, fui o responsável por esse presente antes da sua aposentadoria.

Acabei não seguindo a carreira na área de língua e literatura latinas, como o Professor queria. Acabei dedicando-me à crítica textual, sintaxe funcional e história da língua portuguesa, mas muito influenciado pelo Professor Peterlini. Aos poucos me tornei o Grandão, assim como ele se referia a mim, quando me encontrava pelos corredores do hoje renomeado Edifício Prof. Antonio Candido (Letras) — FFLCH-USP; queria sempre saber o que eu estava estudando, pesquisando, do que eu tratava na minha tese. Esse diálogo nos corredores e, muitas vezes, em seu gabinete durou até sua aposentadoria; depois disso, infelizmente, não tive mais contato com o Professor.

Até hoje, depois de 33 anos, seus comentários afloram em minha mente. Vez por outra, pego-me a pensar e relembrar-me de seus saborosos casos, que, muitas vezes, se estendiam durante as aulas, mas que para mim eram muito significativos. Essas histórias pareciam abraçar um garoto ainda assustado com a cidade grande e maravilhado com o mundo dos estudos clássicos e de linguística histórica do português que acabava de descobrir.

Muito obrigado, Professor Peterlini.

São Paulo, 2 de maio de 2022.